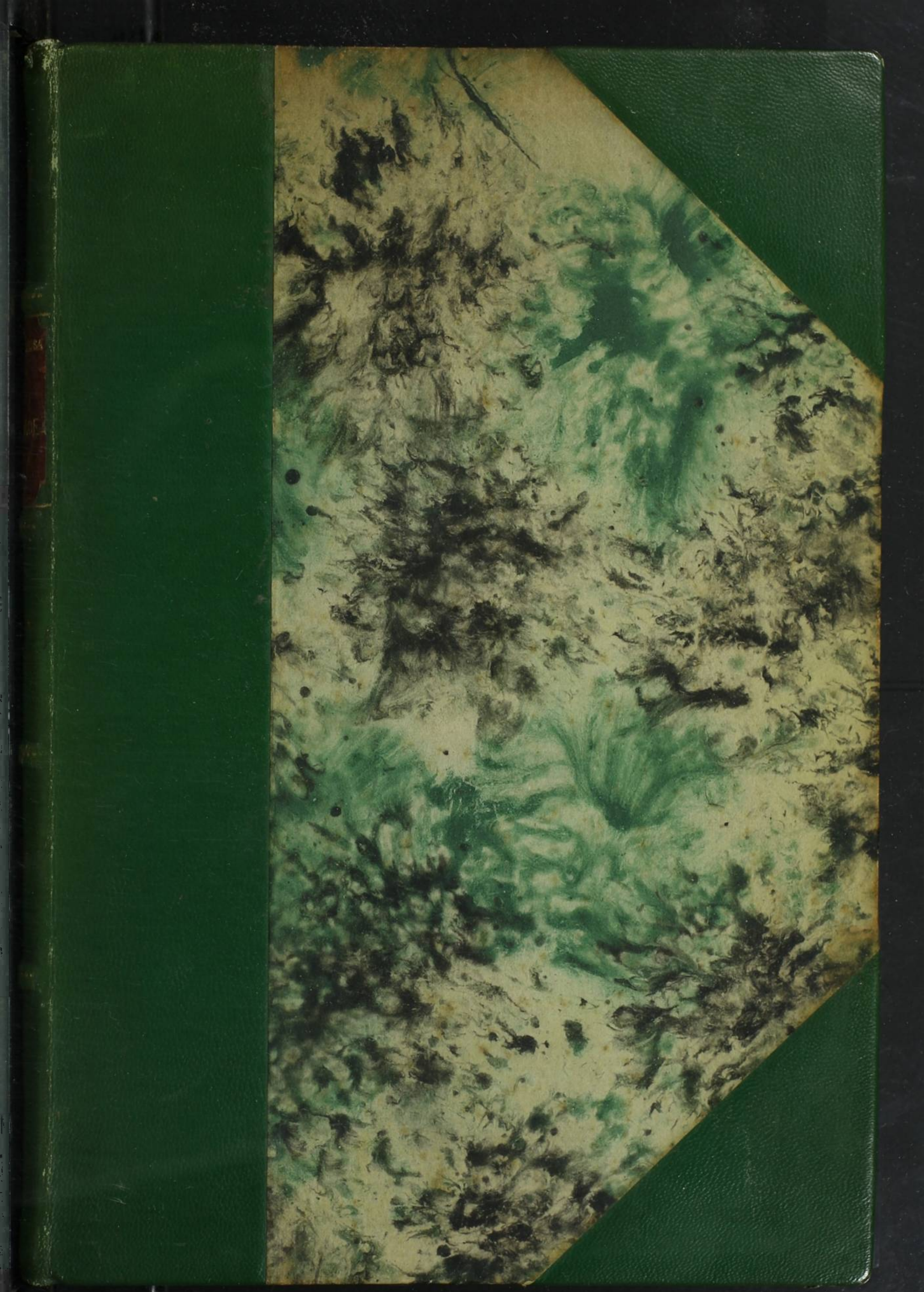

EX-LIBRIS
BORBA
MORAES
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

BRUNO BARBOSA

MOCIDADE

RIO DE JANEIRO
Typ. da Pap. Portella — Rosario, 107

1903

BRUNO BARBOSA

MOCIDADE

RIO DE JANEIRO
Typ. da Pap. Portella — Rosario, 109

1903

Ao Bruno,
com muita amizade.
off.º Gil
1905

A Themudo Lessa

ff.

Bruno Barbosa

Rio
27-III-06.

A' MEMORIA

DE

Raul Pompeia

Homenagem a seu talento e caracter.

DECADENCIA

Versos de fogo escriptos n'outra idade
Da carne anciosa ao palpitar fremente,
Sois as ruinas tristonhas do presente,
Fostes do amor a louca mocidade...

Ah! não excite o riso sem piedade
Dos felizes, o ardor que em vós se sente:
Azas, sonhos, desejos — anciedade
Que sobe ao céo e desce juntamente.

Tenho n'alma desertos infinitos,
Um sol sem fogo, um negro firmamento,
Sem gorgeios, sem canticos, sem gritos.

E hoje o verso de amor é como um rio
Que se espreguiça socegado e lento,
Calmo, sereno, placido, sombrio.

HEPTACORDIO

Mãe ! n'alma sinto ao murmurar teu nome
Que as doçuras da infancia me recorda,
A saudade sem fim. Pois vibre e assome
De minha lyra na primeira corda.

Ouço de longe a tua voz amiga
Embalar-me no somno, calma e doce,
Cantando aquella mesma trova antiga,
Como si eu, homem, inda criança fosse.

Pae ! o vigor de espirito, a profunda
Fé que me anima e crença no futuro,
A aspiração de gloria que me inunda
O peito e em versos exprimir procuro :

Tudo de ti provém e eu, homem forte,
De coração sem lagrimas nem gritos,
Junto de ti tenho o modesto porte
De humilde arbusto ao pé de um eucalyptus.

Esta saudade, irmã ! entra-me n'alma
Como um jorro de luz ou como um rio :
D'ella arranco a esperança que me acalma
E d'ella a dor com que me delicio.

E em todo o sonho onde a cabeça loira
Passa de um anjo é teu semblante amado,
E a phantasia um firmamento doira,
Um céo por teu sorriso illuminado.

Doce grilhão ! aperta-me este pulso !
Amor ! paixão desesperada e louca !
Sempre, no riso ou no chorar convulso,
Tenha o teu nome a me saltar da bocca !

Quanta lembrança do passado solta
Pelos floreos caminhos que trilhamos:
Fallavas... e tua voz vinha de envolta
Com o papeio dos passaros nos ramos.

Mas esqueçamos todas estas ruinas,
Não fallemos em dôr e em desengano:
Quero contar-te as coisas pequeninas
De meu amor profundamente humano.

Lembras-te? aquella confissão que a medo
De concluir, apenas começava?
Toda rubor tremias do segredo
E eu do segredo, tremulo corava.

Amo demais, e penso que se anima
N'uma palpitação todo o Universo!
Ah! não me basta o scintillar da rima,
Não me contenta o amor o proprio verso!

Arte do verso! a infancia descuidosa
Dei a teu culto e a ardente mocidade
E' toda tua, oh deusa magestosa,
Para adorar-te a excelsa magestade!

Em vez do altar de marmore impolluto,
De bronze rijo e de oiro deslumbrante,
Sem calor e sem vida, ergo-te o bruto
Bloco do peito, vivo e palpitante.

E morra embora o corpo que offereço
A teu fecundo coração de arminho:
A morte é muito pouco por tal preço
E é muita a gloria onde fizeste o ninho.

E porque só de ti, arte, deriva
O amor, o immenso amor, que em mim acordas,
Do plectro amado á vibração mais viva,
São para ti as tres ultimas cordas...

QUADRO ANTIGO

Na mudez do Começo, envolta no mysterio,
Gigantesca e sombria a selva primitiva
A densa ramaria eleva ao espaço ethereo,
— Desforme e colossal cabeça pensativa.

A natureza ostenta a puberdade altiva
Na calida expansão do desmedido imperio:
N'uma olencia lethal, pesadamente viva
Uma arvore colosso abriga um megatherio.

A' entrada de uma gruta um par sombrio e mudo,
Gigante na estatura, absorve o odor agudo
Que da vegetação luxuriosa dimana ;

Vae depois a um recanto escuro da floresta
E soam pelo espaço os ossègos da festa
D'aquella natureza extranha e semi humana.

SATAN

Velho Satan, maldito entre os malditos,
Luzente archanjo da primeira lenda,
Moras ao som de imprecações e gritos
Na que te deram tenebrosa tenda.

Ri: de teu nome nos missaes, nos ritos
Fulgura a fama tetrica e tremenda;
Deram-te mundos, dotes infinitos
E a pavorosa catadura horrenda.

Fizeram-te D. Juan, dando-te adornos,
Como a cauda de olympicas flexuras
E os dois compridos, ponteagudos cornos.

Ri que não morres n'este secl'o mais...
Ah! oxalá, bastardo das alturas,
Possa inda ver-te os tardos funeraes.

HUMILHAÇÃO

A's vezes, na soidão das noites silenciosas,
Ouvindo o soluçar monotono do vento,
Ergo o olhar agitado ás luzes alterosas
Dos astros, a brilhar no alto do firmamento.

Arrastam-me a subir as crenças mysteriosas
Que incute a solidão na aza do pensamento,
E atravesso e percorro immensas nebulosas,
Milhões e mais milhões de mundos n'um momento.

Quando volto de andar por tantos infinitos
E vejo a sordidez dos homens cá na terra,
Erguendo para o ceo seus lamentosos gritos;

De meu sonho febril sinto enorme saudade:
E' que a tua grandeza, Universo, me aterra
E a tua pequenez me humilha, Humanidade!...

HISTORIA SIMPLES

Em certo tempo amava loucamente
Chamava-te querida;
Era-me a vida teu olhar ardente,
Bem equivoca vida.
Meu verso foi humilde mensageiro
Dos amores fieis
E quanta vez, ardente e feiticeiro
Se ajoelhou a teus pés!

Passou-se o tempo... um leve sentimento
De tedio e de cansaço
Veio affligir-me o doido pensamento
Com titanico braço.
E tristemente modulou seu canto
O verso dolorido
Por ter debalde soluçado tanto
Sem ser comprehendido.

Passou-se o tempo... um odio que explodia
N'um impeto medonho,
Foi convergir a tua face fria
Oh ! meu fanado sonho !
E meu verso de colera abrasado,
Orgulhoso e feroz,
Renegou tudo o que te havia dado
N'um desespero atroz.

Calmamente porém hoje analyso
O que foi nosso amor,
E sinto n'alma a sombra de um sorriso
De um extranho amargor.
E eis que meu verso indomito e bravio,
Sem a antiga anciedade,
Passou da tuba, enlanguecido e frio
A' avena da saudade.

ADORAÇÃO

Outros, felizes, outros, venturosos,
Ouçam da tua bocca perfumada
Doces palavras de affeição sagrada,
Dulcissimos protestos carinhosos.

Ardam outros de amor, e lacrimosos
Cubram de versos a brilhante estrada,
Por onde vaes, risonha e festejada,
Calcando aos pés os threnos dolorosos.

Eu não : todo o prazer se me resume
Em aspirar teu magico perfume,
Si, occulto e humilde, te acompanho o rastro ;

E te vejo passar, feliz e attento,
Como quem vê no largo firmamento
O magestoso deslisar de um astro.

DE LONGE...

Quem nasce n'um paiz e n'outro peregrina
E o desvairado olhar e a alma de maguas plena
Eleva, comprehende o fim que se destina
Ao ceo azul tão grande e á terra tão pequena;

Que si piso outro solo e a doce cantilena
Da palmeira natal que á viração se inclina,
Não ouço, a mesma luz das alturas me acena
E o mesmo firmamento aqui se descortina.

O agri-doce pungir me empolga e me desvaira
E do enlevo em que vivo á extranha claridade,
Um vulto de mulher, de azas abertas, paira !...

Amigos ! visto aqui n'este exilio tristonho,
No calor—o burel de chumbo da saudade,
No frio—um velho manto esfarrapado,o Sonho!...

TORTURADO

Arranca, despedaça o coração, Artista!
Tira da alma descrente o que nella se encerra,
Vae ao fundo do mar, dos páramos : conquista
As entranhas do céo, as entranhas da terra;

Affronta os vendavaes, a desgraça imprevista
Tudo aquillo que rompe e fere e abole e aterra;
A teu curso febril ninguem ha que resista
Pois acima de tudo é que a alma em ancias erra.

Desgraçado de ti ! volve os olhos agora
E verás como um cão que ladra a um fugitivo,
A treva a negrejar atraz de cada aurora.

Sonhos, aspirações, tudo accendes e inflammas,
Oh! Hercules do Genio, incinerado vivo
Na extrema convulsão das tuas proprias chammas

AMANHA

Quando formos dois tremulos velhinhos,
Tu, tão formosa, sem nenhum encanto,
E eu, tão forte, a chorar pelos caminhos,
Olhar-nos-hemos com profundo espanto.

Meu doido amor, meu cofre de carinhos,
Verei teu riso transformado em pranto,
Indifferente á musica dos ninhos
E a outras mais coisas que adoramos tanto...

E o sangue em fogo que por nós circula,
E este arrepio, e este tremer de labios,
E esta canção que a teu ouvido arrula;

De tudo isto, a chorar pelos caminhos,
Sentiremos apenas os resabios
Quando formos dois tremulos velhinhos.

A UM ARTISTA

Prefiras tu a olympica postura
Desta Venus de Milo soberana,
Onde a nudez esplendida fulgura,
Esta nudez divina e não humana;

Que até mesmo no marmore figura
Toda a attracção que da mulher dimana,
Quando está núa em plena formosura
E o olhar deslumbra e deslumbrando engana.

Eu não: tambem estatico de goso
Fico, vendo-lhe as formas, e deliro,
Mirando-lhe o conjuncto delicioso;

Mas á belleza feminil do collo,
Dos contornos, do talhe emfim, prefiro
A mascula nudez daquelle Apollo.

* * *

Quero aspirar, sentir o teu perfume,
Calcar-te o labio purpurino e breve,
Para que o beijo qne este amor resume
Do céo do goso aos paramos nos leve.

Como hei de amar-te, com que louco ciume
Hei de beijar-te as carnações de neve;
Serás então uma avesinha implume
Que junto a mim quem profanar se atreve?

Toda a explosão do amor, oh minha louca,
Na linguagem frenetica dos beijos,
Ouviremos soar de bocca a bocca.

Com que prazer teus olhos, hei de vel-os
Em caricias de amor, soltar lampejos,
— Raios de luz na noite dos cabellos.

MORS

Quando tudo morrer, quando o universo todo
Pelo abysmo sem fim do bárathro rolar,
Num turbilhão de pó, num turbilhão de lodo,
Do cume do Hymalaia e do fundo do mar;

Quando a aurora surgir de um sol já desmaiado
E encontrar para a luz leguas, leguas e leguas,
Do Nirvana absoluto o espaço illimitado,
A cahotica treva a combater sem treguas;

De astros, constellações, planetas, aerolithos
Fragmentos colossaes, do norte para o sul
Rolarem, como atraz de novos infinitos,
—Astros perdendo o céo e o céo perdendo o azul;

E de tudo o que aclara a abobada e de tudo
Que ao abrigo etheral da abobada repousa
Nada restar,nem mesmo um vestigio... algum mudo
Flóco de cinza tenue, aza de mariposa ;

Quando até a lembrança acabar-se do mundo
Por não haver pensando um cerebro de resto,
E o sol, exhausta a luz, pendendo moribundo
Misturar-se do mundo ao destroço funesto ;

Então ha de morrer a deusa por quem faço
Meu verso palpitar, a arte immortal e bella,
Porque não terá mais a conquistar no espaço
Nem um raio de sol ou a ponta de uma estrella.

Sim, pois que ella viveu emquanto aqui viveram
Os poetas a seguir-lhe os luminosos trilhos;
Seu manto não abriga aquelles que o teceram
E, Niobe da dor, não viverá sem filhos.

Já não existe mais o altar da Natureza
Cheio de luz e som, cheio de almos rumores,
Uma flor não fecunda outra flor sem belleza
E o orvalho já não cae no calice das flores.

O vento emmudeceu : nem um sussurro de azas
No ermo infinito echoa e os ledos passarinhos
Pereceram tambem : como os sóes feitos brazas
Rolaram, povoando inda os crestados ninhos.

Pobre colosso ! o mar, gemedor de esmeralda,
Já não soluça mais, e a carinhosa vaga
Já não vae, já não vem cingindo a alva grinalda,
Uma plaga oscular e oscular outra plaga.

Donde pois a poesia ha de nascer, se resta
De tudo o que era vivo e dos bons e dos maus
A tristeza sem fim da immensidade, e a mesta
E trevosa e soturna escuridão de um cahos ?

Sim, então morrerá a Arte invicta do Verso :
Na morte universal ha de a morte envolvel-a ;
Ruio todo o systema em convulsões disperso,
Como pois ficaria uma radiosa estrella ?

Mas da noite sem fim nas trevas mais cerradas
Extranha procissão virá de alvos espectros :
E' o cortejo feliz das virgens bem amadas
Cantando o funeral suavissimo dos plectros.

JESUS E O VATICANO

(Dizem que o Papa baixará
uma encyclica contra os anarchistas).

Jesus, o Mestre, outr'ora amaldiçoava
Do despotismo os horridos furores,
Do negro vicio a venenosa bava
E a Caridade, alliviando as dores

Do mundo, fez nascer, mas hoje, escrava
A doutrina de amor, os seus pastores,
Escravos, dão, o que Jesus negava,
Contra os oppressos força aos oppressores.

Por tantos soffrimentos rebellada,
Cospe a Miseria a purpura dos reis
E a enlameia com a veste esfarrapada ;

E o Vaticano da justiça os trilhos
Erra, porque esqueceu que o Christo fez
Dos homens todos igualmente filhos.

VENDO A NATUREZA

Vamos, nós dois, em matinal passeio
Por estes ermos. Olha, a natureza
E' suggestiva e em tudo encontro enleio
N'ella para trazer nossa alma preza.

Este campo, estas arvores, a grama
Junto a torrente despenhada á grota
Observa ; e quanta luz o sol derrama !
E que verdura triumphalmente brota !

Que céo azul! na languida pupilla
Toda a doçura deste céo retrata ;
Aquelle galho o orvalho que scintilla
Como um fio de lagrimas, desata.

O vento agita as arvores de leve...
Teu vestido de perolas salpica
O orvalho e a fronte a te cingir se atreve
De uma regia corôa iriada e rica.

Podes provar a polpa deste fructo
E faze-o bem para que eu não descubra
Que de teu labio candido e impolluto
Imita a cor assetinada e rubra.

Este bando de alacres passarinhos
Que o vôo agora levantaram, crivem
Embora as creanças de pedrada os ninhos,
Continuamente elles de amores vivem.

O perfume que os ares embalsama
Aspira: Flora a cornucopia entorna
E com as flores nos ares se derrama
Esta essencia subtil, variada e morna.

Mais cuidado em tirar esta pequena
Flor a quem a cuidosa natureza,
Por livral-a talvez de alguma pena,
Espinhos deu tambem dando belleza.

As borboletas que risonho estrago
Fazem nas flores, inda as mais bonitas...
Inclina o corpo assim sobre este lago,
Vê como n'agua uma sereia imitas.

E' doce amar aqui e até podemos
Sob esta sombra um pastoril idyllio
Tecer, igual áquelles que nós lemos
Nos bucolicos versos de Virgilio.

Esta harmonia, este verdor de exemplo
Sirvam a nosso amor, e alegre, exulto
Porque vejo aqui n'isto o Deus e o templo
Juntos de nosso verdadeiro culto.

Vendo o esplendor do que nos cerca, estaco,
Sinto-me humilde, e triste, então reparo
Que ante a vida selvagem sou mais fraco
Que um doente grave deante de um sol claro.

Tudo nos fala, tudo nos convida
A falar de outros mundos soberanos,
E inda mais sinto que és a minha vida
E acho que somos inda mais humanos.

Quanto desejo, ancia de amor não vemos
Somente n'este trecho da campina:
A nós dois, racionaes, que não sabemos,
A arte de amar, oh natureza, ensina.

CASTELLOS

Inda na infancia, os meus castellos de oiro
Fiz; minha fronte um ninho de esperanças,
Em cada habitação puz um thesoiro
Dos que refulgem no sonhar das creanças.

Cresci; dos annos, rapida, a voragem
Só me trouxe illusões e desenganos.
Amei; de meu amor a doce imagem
Fez dias breves os compridos annos.

N'outro tempo nem lyra eu possuia,
Canções de amor eu nunca imaginara
E meu castello altissimo subia,
Sem as noites da dor, em manhã clara.

E tendo castellã para os castellos,
Lyra e canções, tornei-me de tal geito
Que não mais pude inteiramente erguel-os,
Pois o amor nunca fica satisfeito.

ANCIA INFINITA

Alma ! sobe, desvenda, alcança outras planuras,
Quebra o grilhão fatal, quebra a maldita algema
Que te prende no chão e vôa nas alturas,
Embora o sol desmaie e embora a nuvem trema.

Povôa a solidão das noites mais escuras,
Tira da luz a crença, esta verdade extrema
Que te falta, e si um Deus é o que, ardente, procuras
Faze um Deus que comtigo as dores sinta e gema.

Mas, que vejo! alto voaste, azas abertas, frio
O ar, a nuvem que passa e foge, a immensidade
Viste e viste sem luz o espaço ermo e vasio.

Baldado é teu esforço, inutil é teu grito:
E's pequena demais, mesquinha humanidade,
E esmaga-te a cabeça o peso do infinito.

MATINAL

Domingo. Acordo. O sol entra doirando
A minha sala de estudante pobre
E minha vista vae se dilatando
Atravez da vidraça que o sol cobre.

Ouço o cantar dos passaros voejando,
Ouço o gemer das arvores e o dobre
De um sino alem, ruidos confusos, quando
Ouço de alguem uma risada nobre.

Salto do leito, affasto a gelosia,
Turva-me a luz vivissima do dia
E vejo alem, feliz como quem sonha,

A minha amada que vae ver o Christo
E eu juro como nunca tinha visto
Ave tão fresca, matinal, risonha...

A UMA CRIANÇA

Salta e sorri! a infancia é como a aurora
De um sol doirando um mundo de alegria,
Onde quem vive geralmente chora
Approximando-se o final do dia.

E's uma creança e tua vida agora
E' como um sonho onde o luar radia,
Mulher futura, cherubim de outr'ora
Que pela escada de Jacob subia.

Volve-me assim os olhos buliçosos,
Olhos travessos de sereia e santa,
Mais do que as noites hybernaes, trevosos.

N'elles a imagem de tua alma espelhas...
Alba! a innocencia no teu labio canta
Desabrochando em petalas vermelhas!

MELANCOLIA

I

Para que, sendo a miseravel preza
De tantos sentimentos descordantes,
De tantas maguas victima indefeza,
Vivo dia após dias incessantes?

Para que tanta vida na certeza
Da nunca mais volver ao que era dantes?
Ah! não ter mais a alma de amor acceza,
A voz altiva, os olhos coruscantes!...

O amor, o amor de que a bondade é gemea,
Foi-se e levou-me a natural doçura
E a bocca abriu-me á bava da blasphemia.

Vela-me o olhar o pranto dos precitos
E do silencio em torno na espessura,
Somente escuto imprecações e gritos.

II

Oh mar, meu velho e tenebroso amigo,
Pelo muito que outr'ora eu te contava,
Sei que não ama, quem a sós comtigo
Não soluce a chorar como eu chorava.

Não me commoves si com a vista sigo
Teu dorso que se encrespa em furia brava,
E ás vezes te aborreço e te maldigo
Como te bemdisia e te adorava.

Eras o mar da Grecia eternisado :
Mar de guerreiras ſlammulas varrido,
De alvas Nereidas e Tritões povoado.

Outra emoção ver-te em meu ser desperta :
Ora a traição de um pantano ſlorido,
Ora o escarceo de uma garganta aberta.

III

Eil-a, a planicie intermina e escampada
Por onde sigo ; em vão o olhar estendo
Para alcançar o termino da estrada,
No longinquo horisonte se perdendo.

Em vão ! nesta planicie desolada
Clamo, soluço, grito, um passo emprehendo :
Do ermo sem fim monotono povoada,
Responde-me o silencio ao brado horrendo.

Quão differente, quão diversa desta
Era a região por onde a curta festa
De nosso amor sorriu dias inteiros ;

Paiz de plagas vividas e extranhas,
De váos, cascatas, selvas e montanhas,
Ravinas, alcantis, despenhadeiros...

IV

Exsurge á vida, alma tristonha, e gosa
O que, prodiga, a vida nos propina:
A esperança sorri, branca e divina,
No ceo azul d'esta sazão formosa.

Si revive a lembrança dolorosa
E me prostra do tedio a mão ferina,
Sinto, ás vezes, na fronte que se inclina
Como o roçar de uma aza mysteriosa.

Não succumbe quem pode o soffrimento
Fazer vibrar no magico instrumento
E, alto e sonoro, as lagrimas cantar;

Não succumbe quem poude, alheio ao mundo,
Ebrio, estasiar-se no prazer profundo
Do sonho e pode uma outra vez sonhar.

Maio.

TARDE DO NORTE

Sangra o ceo no crepusculo, derrama
Tantas cores da terra pela face,
Como si o arco-iris, transformado em chamma,
Lá pela altura em torvelinho andasse.

Mas a noite estendendo a escura trama
Do seio virgem donde a treva nasce,
Envolve o fogo que o horizonte inflamma
E um rebanho de estrellas no azul pasce.

A abobada se arqueia como um vaso,
A luz mergulha e morre na infinita
Amplidão; desce a purpura do occaso.

Ruge a vaga na praia humedecida
E á sombra melancolica se agita
A alta palmeira para o mar pendida.

A NOIVA DO LEÃO

Do horizonte incendido em turbilhões de poeira,
Calcando velozmente a planicie abrazada,
Surge, irrompe, galopa a caravana inteira
Das leôas e leões, a toda a disparada.

Dois d'elles ali vem na pugna encarniçada
Decidir de quem seja a altiva companheira,
A leôa feroz de melena eriçada,
Que lhes aviva e ateia a colera guerreira.

A lucta começou. Forma circulo horrendo
A turba. Os dois, em furia, atiram-se anhelantes,
Corpo a corpo, na carne as garras embebendo.

Um cae. O outro acarinha a juvenil leôa
E o estrondoso clamor das fauces fumegantes,
Como voz do deserto, a immensidade atrôa.

AZUL

(Num album).

Vibre minh'alma aqui, a emoção no meu verso
Transborde como o orvalho em perolas no calix
Das flores, em manhã sem que em nuvens immerso
O sol clareia o monte e deixa em sombra os valles.

Corra, immensa e fecunda, a caudal de meu canto
Doire minha emoção tudo o que ora descrevo,
Salte de meu buril em cada linha o encanto
De uma curva gentil, de um languido relevo.

Quero, si me ajudar a pureza da forma,
Na cadencia da rima, em compasso risonho,
Transformar (porque tudo a arte muda e transforma)
Em estrophes de fogo o meu ultimo sonho.

O perfume da infancia, a fragrancia infinita
De uma flor em botão, o ardor da mocidade
Perdi ao sopro máo desta epocha maldita
Em que são vã mentira a justiça e a verdade.

Troquei a capa e o tom de menestrel gemente
Pelo manto e feição de bardo altivo e frio
E hoje, de magua em magua, entre afflicto e descrente,
Talho em dura estamenha o meu burel sombrio.

E quando para o ceo o espirito subia,
Semeando meu verso em trechos mais amenos
Da vida, pelos pés, como espinhos, sentia
O odio horrivel dos maus, a inveja dos pequenos.

Mas a vaga alterosa escabujava emproada
Babujando-me os pés, sem me exceder o artelho
E o desprezo que dei a matúla açulada
De cães, veio terminar o meu sonho vermelho.

Como um raio de luz sobre a face de um lago
Incide e penetrando o profundo illumina,
Senti de um novo sol o carinhoso affago
Derramar em meu peito a alegria divina.

E agora, para o amor, meu peito amplo se expande
Como o céo para a luz, como a flor para o dia
E è por isto que sinto invadir-me tão grande,
Murmurante, immortal e fecunda alegria.

Em Maio. (Este é o meu sonho) As arvores pendendo
Em cheirosa manhã ao peso hyemal do orvalho,
Cada arbusto um perfume intenso rescendendo,
Sahindo um pipillar do mais pequeno galho.

Nesta hora sempre doce em que a aurora surpreza
Foge lesta, que o sol o igneo clarão desfralda,
Quando o céo desabrocha a limpida turqueza
E o campo se assemelha a um manto de esmeralda;

Vi-a : de outra manhã na meiga formosura
Do semblante gentil trazia a suavidade :
E na sombra eternal da cabelleira escura
Era, em trevosa noite, extranha claridade.

E eis-me algemado e escravo, eis o grilhão bemdito
Que me faz esquecer as miserias do mundo :
Si é dia, é o seu olhar que brilha no infinito,
Noite, de seu cabello é este negror profundo.

E ardo e vivo e floresço, e sonoro e risonho,
O verso ha de exalçar á gloria o sentimento :
Leva-me a aza de luz deste divino sonho,
Azul como este céo — meu patrio firmamento.

LEGIONARIO ROMANO

Firme nas pernas de aço, o herculeo tronco erguido
Amplo sob a coiraça, o curto e poderoso
Gladio á cinta, á sinistra o ereo broquel polido,
Lembra a sanha feroz do prelio tumultuoso.

Pelos sóes do universo o rosto escurecido
Do elmo surge, a uma vez varonil e formoso,
E o olhar de aguia, minaz, rebrilhando incendido,
Da colera sagrada é o clarão victorioso.

A' dextra, como um sceptro, o alto pilum sopeza
E como si o aguilhoasse a bellicosa insania,
Nodoso e bruto, o braço os musculos reteza.

Eil-o como seguiu o *imperator* sereno,
Cezar — conquistador da Gallia e da Germania
Dos valles do Garona ás florestas do Rheno.

A TORRE

Aquella torre branca,
Erguida para o céo num gesto imprecativo,
Doce emoção de jubilo me arranca
E me faz ficar triste e pensativo.

Viver assim tão alto,
Perto do céo, do sol, do que o infinito encerra,
Longe dos homens, deste mar de asphalto,
Longe do lodo que possue a terra;

Eis a extrema ventura,
Eis a sorte feliz que invejo e que desejo:
Viver sorrindo na soberba altura
Do sol que nasce no primeiro beijo.

Eis a ventura extrema:
Erguer-se além de tudo, erguer-se soberana,
Recebendo da noite a uncção suprema,
Quando ella foge — a sideral sultana.

Mas, oh branca torrinha!
Flecha nivea acravada á abobada infinita,
Si dos astros doirados és visinha
E teu perfil a immensidade habita;

A' medida que elevas
A fronte para o azul, vaes te tornando esguia
E mais te fere o raio que nas trevas,
Em relampagos rubros finge o dia!

E's tão forte na base,
Tão firme aqui na terra, onde é tão fragil tudo,
Que nem sei si ha tormenta que te arrase
O escuro abrigo concentrado e mudo.

E sobes, e subindo,
Todo o espaço etheral impavida galgando,
O talhe esbelto vaes diminuindo,
Num desespero desolado e infando.

E' assim meu desejo :
Cresce do chão, tenaz, para o mais alto ascende ;
Tem azas e num rapido voejo
Toda a minh'alma no delirio prende.

Mas ao chegar em meio
Da carreira feliz, do curso descuidoso,
Estaca e fica num feroz anceio,
Num pelago de raiva tormentoso.

Meu desejo é assim:
Como tu cresce muito, oh solitaria torre :
O espaço galga, as cerrações e alfim,
Tua imagem fiel — decresce e morre.

NO ANNIVERSARIO NATALICIO

(A Exma. Sra. D. Maria da Gloria L. Ribeiro).

Gentil senhora.
O verso eximiamente feito,
Na febre da emoção, no delirio do enlevo,
E' capaz de soffrer todo e qualquer relevo,
Seja á saudade atroz, seja á paixão sujeito.

Eu agora porém, quiz amoldal-o a geito
De uma joia qualquer: aurea folha de trevo,
Regia pulseira emfim, e ardente vol-o escrevo,
Sincero e ardente só, sem m'o julgar perfeito.

E que a vida vos seja um transparente lago,
Onde passe e repasse em sussurante affago,
Doce como a canção de uma avesinha exul,

A brisa; e a primavera as margens lhe rodeie
E que sobre este lago, esplendido se arqueie
Um céo eterno, um céo eternamente azul.

MOCIDADE E VELHICE

Que será nesta vida a mocidade
Sinão a gaze transparente e fina,
Que envolve o coração numa neblina
E o faz o relicario da saudade?

O riso de immortal felicidade,
A lagrima pungente e crystallina,
Numa doçura identica propina,
O sonhar louco da primeira idade.

Chegam depois as neves da velhice,
Toda a pompa triumphal da carne morre
Aos poucos, como luz que se extinguisse.

Resta uma estatua esborcinada e fria
E agora queima a lagrima que corre
E desespera o céo que nos sorria.

PRO PATRIA

Patria amada! atravez das lagrimas sombrias
E dos gritos de dor dos teus filhos mais nobres,
Inda tens a grandeza ideial das ruinarias :
Andrajos de oiro sobre uns tristes hombros pobres,
Vetustos torreões das glorias de outros dias.

Amo-te nas manhãs de inverno rebrilhante
E de teu despertar no almo clarim das aves,
Quando, ao calor do sol, teu amplo seio ondeante
A's caricias se agita inebriantes e suaves
E ao fecundo clarão se entrega palpitante.

Amo-te na belleza immortal que revela
A tarde de verão que me anima e arrebata,
Quando tens a feição de uma immensa aquarella
Onde pompeia o rubro, o roxo, o oiro queimado, a prata,
E lentamente o céo se desmaia e constella.

Vasto e bello paiz! no seu collo a floresta
E' como um verde manto a acariciar-lhe o seio;
Entra-lhe o adyto o sol e num rumor de festa
Cada ramo suspende uma ave e um garganteio,
E' um trecho de paraizo a mais estreita fresta.

E' eterna a vida ali, é eterna a puberdade
No mysterioso calor de seu ventre fecundo:
Tem a noite sem fim, abre-se á claridade,
Parecem seus confins os limites de um mundo,
Mundo cheio de luz, cheio de castidade.

Sobre a immensa floresta um curvo céo se inclina
Onde brilha e refulge o vulto do cruzeiro,
E a estrella da manhã em gazes de neblina,
Mostra, toda rubor, ao firmamento inteiro
O amor que lhe incendia a face peregrina.

E do sceptro o dominio um dia sacudiste,
Ebria de muita luz, ebria de liberdade,
Mas quando as azas de aguia em impetos abriste,
Eram grandes demais e em meio da anciedade
Qual lendario albatroz de subito cahiste...

Hoje és ruina, és ludibrio, és sustentaculo, és pasto
Dos abutres e a preza espedaçada e inerme
De ignobeis histriões e o espectac'lo nefasto
Lembra o corpo de um leão roido por um verme,
Um Titan derrotado, um Briareu já gasto.

Teu povo sem valor soffre mas não se assoma,
Mandam somente os máos, a justiça é uma lenda:
Corrupta, a mocidade é leôa sem coma,
E atiro sobre ti a imprecação tremenda
Que Jugurtha atirou sobre a invencivel Roma.

Poetas de meu paiz! eis que é chegado o instante
De illuminar com o verso esta profunda noite:
Transformae vossa lyra em látego infamante,
Transformae vossa lyra em rodizio de açoite
Sobre a malta de anões que prende este gigante.

15 de Novembro de 1903.

1814

Pela noite hybernal em que o pavor se asyla,
Sob o céo brusco e mau de atras nuvens pesadas,
Patinhando na lama espessa das estradas,
Sombrio e silencioso, o exercito desfila.

A's vezes, perlongando as fileiras cerradas,
Desce ignoto clarão, uma ponta scintilla,
E dos velhos *grognards* de apparencia tranquilla
Destacam-se espectraes as faces requeimadas.

No horisonte, ao negror de uma visão dantesca,
Cresce, entre as azas reaes das aguias e o infinito,
Do pequeno chapeu a sombra gigantesca.

Falta o sol de Austerlitz a essa noite inclemente
E sob os firmes pés do Imperador invicto
Rue o throno marcial do Imperio do Occidente.

A UMA MOÇA POBRE

Vestissem-te ouropeis que outras exalçam
Em vez de teu grácil vestido,
De tão simples tão bello, porque realçam
Nelle tantos encantos naturaes,
Seriam meu respeito commovido
E adoração iguaes?

Estas mãos, tuas mãos, brancas e finas,
De longos dedos afilados,
Picados por agulhas assassinas,
São como os lyrios, alvos no arrebol,
Mais alvos, ao calor, desabrochados
E abertos para o sol.

De teus olhos o olhar suave e modesto
Não tem no mundo um semilhante:
Azul, azul, tranquillamente honesto,
Só um olhar igualaria o teu
Si, uma noite de luar claro e inebriante,
Olhasse-nos o céo.

E este ar que tens de viva mocidade
Na timidez de ave medrosa,
Teu porte grave e de infantilidade
Quem pode ingenuamente assim mostrar
Como doirada aureola custosa
Tua fronte a coroar?

Toda riqueza vale outra riqueza,
E' venal toda e qualquer gemma,
Passa com o tempo a esplendida belleza
Mas o que se não compra e fenecer
Não pode, é a sã virtude em ti suprema,
O pudor da mulher.

Sempre guardal-o immaculo procura
Por não perderes tal thesoiro:
Si de ser mãe tiveres a ventura,
O consolo ineffavel e sem par,
A teus filhos terás, melhor que o oiro,
Um bem para legar.

VELHA PAGINA

Vamos reler a pagina mais bella
Do idyllio em flôr da nossa mocidade,
Quando amavamos, rindo, a mesma estrella,
E me enciumava uma infantilidade.
Sei que inda tens no coração o vario,
Longinquo som do nosso amor lyrial,
E a leitura do rutilo ementario
De tanto affecto não te fará mal,
Embora o plectro tenha humedecido
Pelo pranto em soluços derramado,
Quando fui por teus olhos esquecido
Mais do que fui por elles adorado.
E meu verso, submisso escravo outr'ora
De teu brando, piedoso e meigo olhar,
Quando lhe sente a luz fascinadora,
Como d'antes começa a gorgear.

Esta humildade de quem ama e sente
Que mais se eleva quando se amesquinha,
Tive-a e della abusaste loucamente
Embora eu te sentisse tambem minha,
Minha de modo tal, que bem podera
Escravisar-te o olhar, o ouvido, a voz:
Verão, Outono, Inverno e Primavera
Tinham as mesmas flôres para nós.

Mas como relembrar tanta ventura,
—Torres que eu levantava e protegias,
Depois de terem numa sepultura
Triste morada as nossas alegrias?
E que ventura a nossa! ora na taça
Feita, com que acalmavas meu anceio,
Ora na flôr que com risonha graça,
Mas offuscada, tinhas sobre o seio.
Como, pois, despertar um sonho morto,
Este viver feliz de flôr em flôr,
Com lagrimas na estrophe sem conforto...
Oh! doce amor! oh! desgraçado amor!

Não: não me é grato neste isolamento,
Ao coração amplo, vasio e mesto
Arrancar mais segredos, num lamento,
Como se arranca a um velho palimpsesto;
Sei que apezar de tua indifferença,
Se eu te disser o que meu peito tem,
Como este tedio, esta cruel doença
Me affflige e mata, chorarás tambem.

E, d'alma para o amor adormecida
O seio, ermo e silente, guardo em vão...
Sou a palmeira no deserto erguida
Bracejando e gemendo na amplidão!

NO BOSQUE

Neste recanto placido e selvagem
Apraz-me a voz ouvir á natureza;
Bebo á floresta a calida bafagem
E solto á fronde espessa a alma surpreza.

Sonho e contemplo, estatico, a miragem
De um bosque antigo: na orla da deveza
Passa um fauno curioso e entre a ramagem
Dryadas vão de esculptural belleza.

Junto ás fontes, em ronda sobre a relva,
Surgem-me todas as visões graciosas
Gregas visões do espirito da selva.

Da arvore secular á sombra enorme,
No abandono das formas musculosas,
Formoso e forte, um genio amigo dorme.

O BANHO DE PSYCHE'

Avidos olhos vissem-na e tão lindo
Não seria o seu gesto de innocente,
Quando do banho limpido emergindo
Se viu de pé e nua inteiramente.

Era a perfeita, era a immortal belleza
Sem uma linha a mais, um traço a menos ;
E a Grecia toda, em fanatismo acceza,
Proclama-a e adora-a como a propria Venus.

Mas como nem por sonhos ninguem ousa
(Vel-a somente era a maior ventura)
Pedir-lhe o doce titulo de esposa,
Foi-lhe fatal a extrema formosura.

Foi consultado o oraculo omnisciente
E a sentença do oraculo infallivel:
— «E' destinada a pronuba innocente
Ao thalamo feroz de um monstro horrivel.»

A Callipygia Deusa de raivosa
Contra a fama rival que a sua offusca,
Perder a linda moça descuidosa
Resolve e assim por toda parte a busca.

Chama o trefego filho e determina
Que, com a mais fina e penetrante setta,
Abra o peito da misera menina
A monstro vil de natureza abjecta.

Eil-o que se approxima sorrateiro;
Aurea frecha embebida no arco de oiro,
Nunca o Amor espalhara prazenteiro
De doces males um maior thesoiro.

Vê-a: subito, a vista deslumbrada,
Cego de amor, pende-lhe o braço inerme,
E de outra setta a ponta envenenada
Do roseo peito aflora-lhe a epiderme.

O triumpho, a gloria da immortal belleza
Foi tal, conforme a lenda emfim refere,
Que o Amor só por tentar a louca empreza
Por um reflexo natural se fere.

E eil-a de pé resplandecente e nua,
A agua fria do banho inda a roreja,
A' flor da pelle o sangue se insinua,
A' espadua um veo para envolvel-a voeja.

Por todo o corpo perolas trementes:
Na alva concha da orelha uma scintilla
E outras, como diamantes refulgentes,
Vão lhe orvalhar o concavo da axilla.

Como um collar estreitam-lhe o pescoço,
Marmore branco de azulados veios;
Outras vão lhe brincar no firme esboço
Dos pequeninos e redondos seios.

Brilham, descem, percorrem-lhe a cintura,
De indecisos quadris a florescencia,
Que desabrocham para a formosura,
Hesitando entre a infancia e a adolescencia.

Deslisam saltitantes e medrosas,
Da epiderme macia em que se aquecem
O brando fogo as torna vaporosas:
Fulgem aqui, além desapparecem.

E os pés premendo o marmore rosado,
Pés de curvas harmonicas e puras,
São, ao sair do banho perfumado,
De duas azas duas miniaturas.

SONHO LONGINQUO

Um amor como aquelle venturoso
Por não ser mais que a sombra de um desejo,
Nunca manchado pelo impuro goso,
Dos bens da terra é o maior bem que almejo :

Ser outra vez ardente e corajoso,
Sempre no labio o fremito de um beijo,
Arder no fogo da alma mysterioso
E cego ser, eu, misero ! que vejo...

Mas si á ventura vier em seguimento
A tristeza de agora, e si me deves
Dar esperança apenas um momento

E soffrer longo ás alegrias breves,
Faço do menor mal contentamento:
Não mais, sonho feliz, não me enleves!...

INDICE

Decadencia..... 7
Heptacordio..... 9
Quadro antigo..... 13
Satan 15
Humilhação..... 17
Historia simples..... 19
Adoração..... 21
De longe..... 23
Torturado..... 25
Amanhã 27

A um artista..... 29
* * *..... 31
Mors..... 33
Jesus e o Vaticano..... 37
Vendo a natureza..... 39
Castellos..... 43
Ancia infinita..... 45
Matinal..... 47
A uma creança..... 49
Melancolia..... 51
Tarde do Norte..... 59
A noiva do leão..... 61
Azul..... 63
Legionario romano..... 67
A torre..... 69
No anniversario natalicio..... 73
Mocidade e velhice..... 75
Pro Patria..... 77
1814..... 81
A uma moça pobre..... 83
Velha pagina..... 87
No bosque..... 89
O banho de Psyché..... 91
Sonho longinquo..... 95

NOTA

Alguns destes trabalhos foram publicados na imprensa, com dedicatorias. Exclui-as do volume por motivos imperiosos, conservando-as porém no coração.

1476 6700

17013